

O SUPREMO VALOR DA VIDA HUMANA NA ÉTICA CRISTÃ: UMA PERSPECTIVA IMPORTANTE PARA UMA CULTURA DE PAZ NO MUNDO.

Prof. Ms. Agnaldo da Silva Vieira

RESUMO

Este artigo visa tratar do supremo valor da vida humana na ética cristã. No mundo de hoje com tantos conflitos relativizando a vida humana conforme a cor de sua pele, origem étnica, nacionalidade e outros, é urgente uma perspectiva ética que coloque a vida humana acima dos interesses nacionalistas. Diante do grave problema que acontece hoje com os refugiados de catástrofes naturais e guerras que tentam chegar a vários países, principalmente da Europa, é fundamental pensar uma ética da vida humana a partir do amor cristão. A vida humana tem valor supremo e universal ou depende de qual país ou grupo social pertence essa vida humana (esse ser humano)?

Palavras-chave: Vida humana, amor cristão, ética cristã.

THE SUPREME VALUE OF HUMAN LIFE IN CHRISTIAN ETHICS: AN IMPORTANT PERSPECTIVE FOR A CULTURE OF PEACE IN THE WORLD.

ABSTRACT

This article aims to address the supreme value of human life in Christian ethics. In today's world with so many conflicts where human life is relativized according to skin color, ethnic origin, nationality, and others, there is an urgent ethical perspective that puts human life above nationalist interests. In the face of the grave problem that today is with refugees from natural disasters and wars trying to reach many countries, especially in Europe, it is fundamental to think of an ethic of human life based on Christian love. Does human life has supreme and universal value, or does it depend on which country or social group belongs this human life (this human being)?

Key words: Human life, Christian love, Christian ethics.

Ao abordar a ética e suas ramificações teóricas encontramos vários pontos de vista em relação à maneira que devemos agir no mundo nos mais variados momentos. Como devemos viver no mundo? Como devemos agir em relação ao nosso próximo ou à sociedade? É certo mentir para salvar uma vida? O aborto é aceitável em qualquer situação? É certo matarmos animais para nos alimentar? Desde os gregos antigos buscamos entender a melhor postura que devemos ter em nossa relação com nós mesmos, com o nosso próximo e com a natureza. Estamos procurando viver da melhor maneira possível, buscando, é claro, equacionar temas e questões tão polêmicos que a ética tenta responder de alguma forma.

Nós queremos viver num ambiente social que seja razoavelmente agradável à convivência, onde as regras básicas de existência sejam respeitadas por todos que constituem essa tal sociedade. Não é possível uma vida feliz (algo que todo homem busca) numa sociedade onde os deveres éticos (as normas éticas) não são obedecidos. Onde é cada um por si e ninguém por todos. Uma sociedade assim é caótica e o princípio da valorização da vida é quase impossível. Segundo Geisler, uma sociedade como esta seria impossível seguir o pensamento kantiano que diz: “aja de tal maneira que trate a humanidade, seja na sua pessoa, seja na pessoa de algum outro, sempre como fim e nunca como apenas um meio”.¹ Nisso encontramos o aspecto mais significativo da ética kantiana, por vezes criticada como inapropriada para a complexidade das situações humanas.

Num ambiente onde as pessoas agem segundo seus próprios interesses e prazeres, pensar numa ética comum (*koinē ethiké*) é muito difícil, pois a lógica do ter será sempre os fins, nunca os meios. Sobretudo, em nossa sociedade do consumo em que as pessoas são transformadas com frequência em meios e as coisas em fins. As pessoas passam a amar as coisas e usar os seres humanos. Assim a vida humana deixa de ser um fim em si mesma, perde-se com isso o sentido de que a vida humana tem valor intrínseco. Não obstante, a “vida humana urbana” está tão desvalorizada na atualidade, por isso se mata com tanta facilidade tornando a vida e a morte coisas banais, principalmente nas grandes cidades, onde a ética comunitária é desvalorizada fortemente. Os bolsões de miséria que expõem a desigualdade social demonstram o quanto a vida humana é desvalorizada no mundo, em particular, na sociedade brasileira. Isso é consequência do egoísmo profundo que as pessoas pós-modernas estão vivendo, contrariando todo o projeto de amor de Deus entre os homens. É triste perceber que mesmo entre os cristãos o egoísmo é uma marca terrível e notória que ofende o principal mandamento que é “amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo” (Marcos 12. 29-31). Segundo Norman Geisler:

O cristão deve amar-se a si mesmo porque o ama. Deus ama o homem (mesmo como caída) e deseja redimi-lo e reconciliar o homem consigo mesmo. Os homens perdidos e pecaminosos são a ‘pérola’ de grande valor’ que, para comprá-la, Cristo sacrificou tudo. Os homens perdidos e pecaminosos não somente são redimíveis como também valiosos a Deus. Deus ama desta maneira os homens pecaminosos pelo seu valor redimível neles, segue-se que nós devemos amar a estes

¹ GEISLER, Norman L., **Ética cristã: Alternativas e questões contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 74.

homens também (inclusive a nós mesmos entre eles), e tanto trabalhar, quanto orar pela sua redenção.²

Se a ética se preocupa com a vida prática com objetivo de pensar como o homem pode viver bem na cidade (*polis*), então é seu papel ensinar que a vida humana tem valor inegociável. Esse valor independe de ser no mundo secular ou religioso. O ser humano, portanto, tem o dever de respeitar a sua vida e a vida do outro, sempre na certeza de que não existe norma, princípio ou coisa maior que a vida humana, abaixo da “*pessoa infinita de Deus*”. Tudo deve ser relativizado em favor da vida humana quando se, e somente se, estivermos diante de um dilema ético que a coloca em risco. Logo, todo o dever ético precisa estar voltado para a proteção da vida humana, colocando-a com maior valor entre todos. Mesmo a “verdade” se colocada num dilema com a vida deve ser negada para que a vida sobreviva, posto que a vida humana já é, por si só, a Verdade encarnada e indiscutida. Logo, não poderá haver Verdade (*alētheia*) que seja maior que a própria Verdade da vida humana (*antrōpinēs zōēs*) objetiva, e em direta relação com o mundo.

Não podemos pensar que uma sociedade possa sobreviver na atualidade sem levar em conta o princípio ético supracitado. Ou os homens aprenderão o valor da vida, ou um carro, um cargo, a cor de pele, uma posição social, uma determinada religião, um time de futebol terá mais valor que a vida humana. Se não há norma ética absoluta que nos dirija, e se Deus “morreu”³ para esta sociedade, tudo é possível. Restarão agora apenas homens egoístas em busca de prazer (da “felicidade”) com o mínimo de sofrimento e esforço. Tudo será calculado para se ter certeza se valerá a pena cada esforço por quem quer que seja. Partindo desse pensamento é até cabível sustentar que a vida dos animais pode ser equiparada a vida humana. Pois os animais como nós sentem dor e prazer podendo ser moralmente iguais aos seres humanos.

Ao analisar o pensamento ético de Peter Singer percebe-se um raciocínio pautado pelo princípio ético utilitarista ultrarradical. É possível perceber isso no capítulo 3 de sua “Ética Prática” quando ele trata da “*igualdade para os animais?*”.

² Ibid., p. 135.

³ “Pouco antes de morrer, Dostoiévski voltou novamente ao homem-idéia pois entendia-o como a encarnação maléfica das pulsões modernas; o ateísmo, o liberalismo, o socialismo e o niilismo, que ameaçavam sua Santa Rússia ortodoxa. Desta vez esse personagem ressurgiu nos Irmãos Karamazov, de 1879, na figura do filho mais velho de Fiodor Karamazov, Ivan. O pai, o velho Karamazov, um incorrigível libertino, um canalha completo, terminou assassinado por um servo, seu filho bastardo, chamado Smerdiakov, que confessa a Ivan que o que motivou para o crime foi um artigo que soube ter ele escrito no qual defendia a idéia de que “se Deus não existe, tudo é permitido”. Fonte: http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/nietzsche_dostoevski.htm, pesquisado em 17/11/2014.

Neste capítulo o autor vai propor uma ética que coloque animais e seres humanos em pé de igualdade, algo impossível para a ética cristã. Pois não acreditamos que seja possível colocar os animais em pé de igualdade com os seres humanos como Peter Singer pretende fazer.

Singer, na introdução desse capítulo, já tenta estabelecer com os animais o mesmo critério de princípio moral da igualdade entre os seres humanos. Isso é no mínimo curioso, pois aceitar as mesmas relações humanas com os animais foge a toda razoabilidade ética. No entanto, parece que Singer parte da ideia que o sumo bem (*summum bonum*) deve ser usado também com os animais. Uma vez que o sentido último da vida é alcançar o prazer com o menos de sofrimento, Singer entende que não importa que vida seja esta, se humana ou animal. Se os animais sentem prazer e dor, então eles devem ser poupados do sofrimento e da morte. Ele firma o seguinte:

Em outras palavras, vou sugerir que, tendo aceito o princípio de igualdade como uma sólida base moral para as relações com outros seres de nossa própria espécie, também somos obrigados a aceitá-lo como uma sólida base moral para as relações com aqueles que não pertencem à nossa espécie: os animais não-humanos.⁴

Em seguida ele ainda chega a afirmar que “à primeira vista, a sugestão pode parecer bizarra”.⁵ Na verdade parece bizarra da primeira à última vista essa sua sugestão de tentar atribuir consciência moral aos animais como se eles tivessem direitos e deveres. E isso não se trata de um mero preconceito como ele tenta fazer acreditar sobre aqueles que são contra a sua visão. Trata-se de entender que é impossível conceder aos animais os mesmos direitos que nós humanos temos. Pois eles não podem agir de igual modo com seus deveres, coisas próprias de quem age moralmente.

Para Singer, os animais são constituídos de interesses assim como nós humanos, por isso devemos levá-los em consideração. Ele defende que, a despeito dos animais não terem reciprocidade ética, eles têm interesses. Não é difícil de compreender isso se for levando em conta a natureza do princípio da igual consideração de interesses. Segue ele afirmando que:

O princípio, contudo, também implica o fato de que os seres não pertencerem à nossa espécie não nos dá o direito de explorá-los, nem significa que, por serem os outros animais menos inteligentes do que nós possamos deixar de levar em conta os seus interesses.⁶

⁴ SINGER, Peter, **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 65.

⁵ Ibid., p. 65.

⁶ Ibid., p. 66.

Fica claro que o pensamento do autor está fincado sobre a base da equivalência do valor do humano e do animal, ambos têm interesses, ambos sentem prazer e dor que precisam ser levados em conta. Assim, apesar da diferença no que tange a inteligência eles não dignos de direitos equiparados aos nossos.

O critério que Singer usa é o mesmo usado pelo utilitarismo, um fim absoluto do máximo de bem (prazer) e mínimo de dor. Na citação de Jeremy Bentham, pelo autor, para justificar sua posição encontramos: “a questão não é saber se são capazes de raciocinar, ou se conseguem falar, mas, sim, se são passíveis de sofrimento”.⁷ O que deve determinar o princípio de igualdade dos animais, portanto, é o fato deles sofrerem. Segundo Singer, para Bentham “é a capacidade de sofrimento como a característica vital que confere, a um ser, o direito à igual consideração”.⁸ Desse modo, eles condicionam o direito a igual consideração à capacidade de sofrer. Logo, se algo sofre então deve ter o direito de igual consideração aos humanos. Vejamos o que Singer diz sobre o rato: “por outro lado um rato tem [diferente de uma pedra que não tem sentimento], inegavelmente, um interesse em não ser atormentado, pois os ratos sofrerão se vierem a ser tratados assim”.

O autor é radical na sua tentativa de querer justificar que os animais devem ter os mesmos direitos que os humanos, pelo simples fato de sofrerem como os humanos. Ele estabelece esse “fim ético absoluto” do não-sofrimento animal para justificar e legitimar todos os meios possíveis que possam fundamentar sua teoria da igualdade para os animais.

Ora, se partirmos do pensamento de que a vida humana tem valor intrínseco como defende Kant, fica difícil aceitar as premissas de Singer, de uma equiparação de igualdade dos animais com os seres humanos. Isso não significa que somos favoráveis ao sofrimento inútil dos animais ao que é próprio a sádicos, e que se trata de uma patologia. Entretanto, fica complicado afirmar que um rato, um boi, um bode etc., tenham o mesmo valor existencial de um ser humano só pelo fato deles sentirem dor.

Sem dúvida nada é mais importante que o ser humano, nem um animal, nem qualquer bem, poder, ideologia, verdade, etc., pode se equiparar ao ser humano, porque o ser humano é uma verdade encarnada na sua existência. Por isso se aceita mentir para

⁷ Ibid., p. 67.

⁸ Ibid., p. 67.

salvar uma vida, transcendendo a qualquer norma absoluta⁹ para que a vida seja protegida. Portanto, não é possível fazer qualquer comparação ética do ser humano com os animais, mesmo nesse aspecto do sofrimento porque o sofrimento é sempre moral. Outra impossibilidade está no fato de tornar os interesses dos animais iguais aos nossos. Um porco não tem consciência de sua dor, diferente de nós humanos que sabemos descrever e significá-la. Assim, Singer não tem razão quando afirma que “os especialistas humanos não admitem que a dor é tão má quando sentida por porcos ou ratos como quando são os seres humanos que a sentem”.¹⁰

Que os animais não devem sofrer inutilmente todos nós sabemos e no Estado de direitos, inclusive, há leis que garantem a dignidade dos animais. É proibido maltratar os animais porque se espera de homens éticos posturas éticas que inclui tratar bem dos animais. Contudo, é permitido matar os animais para nossa alimentação. Eles existem, senão principalmente, também para isso. Até porque hoje mais que antes o mundo necessita de alimentos para alimentar a enorme quantidade de humanos pelo mundo a fora. E os animais são consumidos dignamente por nossa espécie sem que tenhamos que viver culpados por nos alimentarmos com eles.

É aceitável, portanto, nós fazermos uso de animais como alimento, fazermos experiência científica com eles, pois tudo isso atende a um objetivo justo e justificável de conservar a nossa espécie. Não poderíamos aceitar que se teste uma fórmula num ser humano como na época do nazismo, pois foge à norma máxima do valor da vida humana. Mas aceitamos que esses experimentos sejam feitos com ratos, porcos, baratas etc. Pois uma vida humana vale mais que uma vida animal. Assim, entre fazer experimentos necessários para prolongarmos nossa vida sobre a terra é certo usar animais, nunca humanos como já fizeram na história da humanidade.

O perigo que encontramos no pensamento de Peter Singer ao relativizar a vida humana em relação à vida animal é que não há valor intrínseco nem na vida vegetal, nem na vida animal. Mas o valor é extrínseco à vida, é o sofrimento e o prazer que ambos sentem que fundamenta sua preocupação e equiparação da igualdade entre vida animal e vida humana. E se alguém imaginar ou tentar provar que uma castanheira centenária tem tanto valor quanto um feto? Pode defender que uma castanheira centenária tem um valor muito maior à natureza e ao mundo nesse tempo de

⁹ Ao contrário de Kant, entendemos que é possível transcender a uma norma absoluta inferior a vida humana. Como mentir para salvar uma vida por exemplo. Para Kant, pelo seu imperativo categórico, é sempre errado mentir para salvar uma vida, pois para ele as normas universais nunca entram em conflito.

¹⁰ SINGER, *op. cit.*, p. 68.

“aquecimento global” que um feto que não passa de uma pessoa em potencial. A castanheira centenária já exerce uma função estratégica no meio-ambiente, impedindo, junto com outras árvores, o crescimento do efeito estufa que afeta toda a humanidade, enquanto um feto ainda é incerto se será bom ou mau para o mundo.

Se é a consequência última das coisas e pessoas que determina nossa visão ética, então é razoável aceitarmos que uma castanheira centenária valha mais que um feto humano, ou que seu valor é igual à vida humana. Poderia se comportar assim um ambientalista por exemplo. Uma castanheira que tem vida vegetal não sofre quando é cortada por uma moto-serra? Igualdade para os vegetais também? A norma do “não matarás” valerá para animais e vegetais também? Assim, se não existir uma hierarquia de valor ético, onde a vida é norma suprema, tudo passa ser possível, dependendo apenas da qualidade argumentativa de cada um.

Portanto, para Singer a vida animal não-humana deve ser igualada à vida humana partindo de seu utilitarismo hedonista-universal defendido na introdução de seu livro. Fundamentado, é claro, pelos seus mestres Jeremy Bentham e John Stuart Mill que eram adeptos da teoria “econômica” que o homem é regido por dois pilares: interesse e prazer. Segundo Frankena: “os chamados utilitaristas, como por exemplo Jeremy Bentham e John Stuart Mill foram, geralmente, hedonistas, sustentando que o objetivo moral é o de conseguir a maior quantidade possível de prazer em relação a dor”.¹¹ Por isso não é difícil entender porque Singer é radicalmente contra a morte e o sofrimento de animais. Ele estende aos animais o interesse de prazer, em detrimento da dor. No entanto a noção de “interesse”, assim como a noção de “prazer” e “sofrimento” só é possível a seres racionais, nunca a serem irracionais, por isso podemos afirmar que animal não tem interesse. Nós é que temos interesses bons ou maus em relação a eles.

Ao levarmos em consideração a ética prática, precisamos partir de um ponto de vista que coloque a vida no primeiro lugar do pódio. A vida humana não pode ser ameaçada de relatividade por qualquer vida, animal ou vegetal. Nem qualquer norma pode estar acima da vida humana. Encontramos em regimes totalitários a vida humana sendo colocada em segundo plano, quando uma verdade ideológica política ou religiosa é defendida. Pensar a vida humana com maior valor é resgatar o sentido de perpetuação da nossa espécie. Se a vida humana não tem seu devido valor, normas importantíssimas

¹¹ FRANKENA, Willian K. *Ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1981. p. 31.

como “não matarás”, “não roubarás”, “não darás falso testemunho contra teu próximo”, seja pensada pela via religiosa ou não, complicaria (e complica) a vida em sociedade.

Pensamos que Kant, com a devida crítica à sua ética (imperativo categórico), promoveu uma pertinente reflexão sobre a vida humana como norma ética suprema. O seu imperativo categórico nos é orientador quando afirma: “aja apenas segundo uma máxima que você possa desejar ver transformada em lei universal”¹². Quando nós defendemos a vida humana como suprema, portanto, estamos desejando que essa máxima se torne uma lei universal. E tem sido considerada uma lei universal como encontramos na primeira frase do preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU¹³: “Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo...”.

Portanto, não podemos ignorar essa verdade do supremo valor da vida humana, a despeito de qualquer outra vida. A ética normativa que estamos aqui propondo trabalha com hierarquia de bens, o primeiro e supremo bem é a vida humana. Como advoga Guerreiro:

Isso é válido tanto para o direito romano como para a maior parte dos sistemas jurídicos contemporâneo, embora não seja, evidentemente, para os sistemas inspirados em ideias totalitárias, em que valores como a vida e a liberdade dos indivíduos são subjugados a um “bem comum” ou ao Estado. Em ordem descendente, tais valores são: *a vida [humana], a liberdade, a propriedade e a honra*.¹⁴

Existe uma milenar tradição de entender a vida como o bem ético mais supremo, desde as tradições religiosas mais antigas, passando pelos filósofos gregos, até os dias de hoje. É difícil pensar uma sociedade que não leve em conta essa hierarquia de valor. As sociedades que geralmente deixam de atentar para esse fato são as totalitárias, como bem pontuou Guerreiro. Para nós cristãos, a humanidade foi criada por Deus para ser amada e respeitada sem diferença entre as criaturas, principalmente com aqueles que mais precisam. Diante dessa certeza não podemos admitir que um “cachorro de madame” seja mais valioso ou tão valioso quanto um morador de rua. Leonardo Boff defendendo o cuidado integral com a criação de Deus afirma:

¹² KANT, 1785, *apud*, Geisler, *op. cit.*, p. 73.

¹³ BRASIL. Ministério da Justiça. Declaração Universal dos Direitos Humanos. http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Pesquisa em: 18/11/2014.

¹⁴ GUERREIRO, Mário A. L. **Ética Mínima para homens práticos**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1995. p. 55.

O tu não é qualquer coisa indefinida. É concretamente um rosto com olhar e fisiologia. O rosto do outro torna impossível a indiferença. O rosto do outro me obriga a tomar posição porque fala, pro-voca, e-voca e con-voca. Especialmente o rosto do empobrecido, marginalizado e excluído.¹⁵

O rosto do necessitado deve ser pensado como o rosto de Deus no mundo. O desejo de justiça e amor ao próximo deve ser uma constante na vida dos cristãos. Estes devem lutar sempre por igualdade entre os homens. Infelizmente, atualmente temos algumas ditaduras em vigor no mundo achando que estão praticando justiça. Porém, quando a liberdade, elemento fundamental à vida humana é tirada do indivíduo ou da sociedade, nenhum projeto de bem pode ser comum. Lamentavelmente quem apoia esses regimes não pensa assim. Esse tipo de pensamento sistêmico só serve ao poder, nunca a vida humana. Esta é encurralada, aviltada, maltratada, e inúmeras delas eliminadas por esses homens maus. Portanto, o Bem (*agathós*) não pode fazer uso do mal (*kakón*) para ser bem, ou seria uma contradição lógica. Nem o homem bom pode fazer uso do mal para alcançar um bem último.

Em Platão, a forma de bem (*agathós*) é o fundamento para toda ética prática. Danilo Marcondes, avaliando a alegoria da caverna (livro VII, de A República), defende que

O sábio é, portanto, aquele que, tendo atingido a visão ou o conhecimento do Bem pela via da dialética, isto é, da ascensão de sua alma até o plano mais elevado e mais abstrato do real, é capaz de agir de forma justa. Pois ao conhecer o Bem, conhece também a Verdade, a Justiça e a Beleza. É por este motivo que a concepção ética de Platão ficou conhecida “como metafísica do Bem”.¹⁶

Assim, o sábio tem na vida humana a única possibilidade de acessar esse Bem tão buscado por Platão. Somos nós os homens que devemos estar constantemente buscando contemplar esse Bem que nos levará inevitavelmente a viver de forma justa com nosso próximo. Precisamos construir uma ética prática comunitária que consista em amarmos as pessoas e usarmos as coisas, como propôs Kant. Isso nos levará à obediência da máxima de Jesus: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.39). Isto é um imperativo do fazer, não uma opção.

¹⁵ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 139.

¹⁶ MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de ética: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 16.

Nós devemos (podemos) amar o nosso próximo e o nosso próximo deve (pode) nos amar, somente assim teremos um ambiente de vidas humanas livres, sem o medo eminente (comum nas nossas cidades) que nosso próximo a qualquer momento poderá nos matar. Poderá nos matar pelo simples fato de entender que nossos bens valem mais que a nossa vida. Isso é terrível! A violência urbana é uma ameaça à liberdade humana individual e coletivamente. Essa ameaça muito se deve a desigualdade que destina a miséria milhões de famílias que vivem em condições subumanas. A despeito de todas essas ameaças, portanto, a vida humana sendo a mais importante das vidas deve ser garantida, sempre que possível, a todos. Para nós, uma boa compreensão e assimilação do imperativo cristão do amor nos ajudará, e muito, na construção de uma sociedade que exercitará a melhor das artes que é a “a arte de amar” proposta pelo filósofo Erich Fromm¹⁷. O que está em jogo é o valor da vida humana, porque se ela não tiver no devido lugar de valoração, qualquer coisa pode ser maior que ela, e ela passa a ser relativizada. Assim um carro, um cachorro ou qualquer coisa pode tomar seu lugar. No mundo de hoje a vida humana tem sido desvalorizada e os laços humanos estão muito frágeis. Por isso, para Leonardo Boff,

Um dos maiores desafios lançados à política orientada pela ética e ao modo-de-ser-cuidado é indubitavelmente o dos milhões e milhões de pobres, oprimidos e excluídos de nossas sociedades. Esse antifenômeno resulta de formas altamente injustas da organização social hoje mundialmente integrada. Com efeito, graças aos avanços tecnológicos, nas últimas décadas verificou-se um crescimento fantástico na produção de serviços e bens materiais, entretanto, desumanamente distribuídos, fazendo com que 2/3 da humanidade viva em grande pobreza. Nada agride mais o modo-de-ser-cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes.¹⁸

Nada agride mais o ser de Deus que a maldade da injustiça social, denunciada desde os antigos profetas até Jesus de Nazaré. A falta de cuidado com o próximo é um pecado com o próprio Deus, no entanto, esse é o pecado mais recorrente nos nossos dias. As grandes cidades são partidas e distribuídas por área de valor de mercado, sendo o pobre expulso sempre para os lugares mais distantes do grande centro. As favelas são lugares, quase sempre, abandonados pelo poder público, apenas lembrados como um problema social para a cidade, e toda violência nela existente é efeito causado pela

¹⁷ O filósofo Erich Fromm trabalha o problema da falta do amor na sociedade moderna no seu livro “A arte de amar”. Neste trabalho ele fará uma teoria do amor como resposta ao problema da existência humana. Ele vai mostrar que o amor cristão ensinado nos Evangelhos é, sobretudo, uma atitude em direção ao próximo.

¹⁸ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 140.

injustiça social. Essa injustiça social é extremamente antiética e anticristã porque gera sofrimento e morte das criaturas de Deus. E a morte de apenas uma vida é a morte de uma parte da humanidade.

Segundo Zygmunt Bauman:

A negação da dignidade humana deprecia o valor de qualquer causa que necessite dessa negação para afirmar a si mesma. É o sofrimento de uma única criança deprecia esse valor de forma tão radical e completa quanto o sofrimento de milhões. O que pode ser válido para omeletes torna-se uma mentira cruel quando aplicado à felicidade e ao bem-estar humanos.¹⁹

A ética cristã jamais poderá fugir dessa responsabilidade pelo ser humano. Ela está comprometida com ele desde sua origem e negar esse compromisso com a vida humana é rejeitar a sua própria existência no mundo. Porque o cristianismo nasce com afirmação da vida e para defesa da vida humana incondicionalmente. Cristo é nosso maior modelo de quem valorizou a vida humana indo às últimas consequências, o que resultou na morte dele. A dignidade humana defendida por Bauman deve ser assumida incondicionalmente também na máxima de “amar o próximo”. No entanto, Bauman reconhece a dificuldade em obedecer a esse preceito fundamental e essencialmente humano. Somente o amor ao próximo pode impedir que os seres humanos não sejam aniquilados em nome do poder e da ganância que dominam o coração humano. “O preceito do amor ao próximo desafia e interpela os instintos estabelecidos pela natureza, mas também o significado da sobrevivência por ela instituído, assim como o do amor-próprio que o protege”.²⁰ Essa temática do amor ao próximo é tratada por vários escritores como um princípio fundamental da ética em geral, e para nós cristãos é a base de toda ética que se fundamente no seguimento de Jesus Cristo. Principalmente uma ética cristã do cuidado, como propõe Boff, que dê uma atenção maior aos pobres e necessitados como fez Jesus. Para Jon Sobrino:

A conclusão seria que com a mesma necessidade com que as catástrofes se intensifiquem nos pobres, a igreja se volte para eles e dê tudo de si por eles. “Opção” pertence ao mundo da liberdade, e está certo. Mas a “opção pelos pobres” pertence também ao mundo da necessidade. É uma opção muito pouco optativa.²¹

O que encontramos na fé bíblica é um forte apelo à “ética do outro” dentro da história da Salvação. Desde sempre Deus busca salvar quem está perdido. Abraão sai da

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt, **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 103.

²⁰ Ibid, p. 99.

²¹ SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 105.

sua terra com o objeto de levar palavra de salvação ao mundo. Moisés é enviado a libertar o povo escravizado no Egito, Jesus veio buscar e salvar a quem estava perdido. A opção pelo necessitado (pobre), portanto, é uma verdade presente tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. A proposta de Sobrino é que a igreja tenha uma ética de valorização do pobre que carece com urgência de pão para matar a fome. Não se trata, segundo ele, de uma opção exclusiva pelos pobres, mas de uma opção preferencial por eles. Deve ser a mesma opção que o médico faz ao escolher o paciente pela gravidade da enfermidade. Isto não constitui uma opção exclusiva, como pensam alguns, mas sim uma opção preferencial devido a necessidade urgente de cada um. Assim, o Cristo que se fez pobre e vítima compartilha do sofrimento e da redenção de cada ser humano que sofre em cada parte de mundo. Somente um Cristo que é amor pode sentir solidariamente o sofrimento do mundo. Ele é o servo sofredor (Isaías 53) que participa do sofrimento de toda a humanidade, seja individual ou coletivamente.

Temos em Cristo Deus participando da miséria do mundo em amor, pois a ética de Deus é a ética do amor incondicional pela sua criação. Pois, é nesse amor incondicional que Deus acolhe o pobre e o necessitado. É nesse momento que o “pobre, a vítima recupera então centralidade e ultimidade”.²² Portanto, qualquer tentativa de tirar o ser humano da centralidade do amor de Deus e da ética cristã é incorrer no perigo de relativizar e desvalorizar a vida humana, gerando conflito, intolerância, discriminação e morte. Sendo assim, nada neste mundo pode ser mais valioso que a vida humana. Logo, qualquer ética cristã séria, deverá levar em conta a proteção do ser humano, principalmente as vítimas, os vulneráveis, os refugiados e os pobres deste mundo. Entendemos por fim, que o verdadeiro valor da vida humana na ética cristã só pode ser vivenciado na perspectiva da ética teológica do amor cristão. Por fim, se queremos construir uma cultura de paz do mundo precisamos aceitar que a vida humana tem valor supremo e universal. Entretanto, enquanto a vida humana dos “primeiros mundos” valer mais que a vida humana dos países pobres nunca construiremos uma cultura de paz no mundo. A prática do amor cristão, que é sempre solidário ao próximo, parece uma proposta transformadora ao mundo em conflito. Pois como diz o teólogo Moltmann:

A experiência do sofrimento é proporcional ao amor. O amor, que cria e vivifica, é o aspecto, em face do qual a negatividade da dor e da morte aparece e é percebida. Aquilo que se designa como “sofrimento inocente” tem a sua expressão positiva no sofrimento do amor e no

²² Ibid., p. 125.

sofrimento daqueles que são amados. Para o amor, de fato, só existe o sofrimento “inocente”, pois quem ama não suporta ver o sofrimento do outro, e deseja vencê-lo. Por isso, o seu amor compartilha do sofrimento do outro, e experimenta na morte dele a própria morte.²³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt, **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BOFF, Leonardo, **Saber cuidar**: Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em: 07 de outubro de 2017.
- FRANKENA, Willian K. **Ética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1981.
- GEISLER, Norma L., **Ética Cristã**: Alternativas e questões contemporâneas. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2003.
- GUERREIRO, Mário A. L. **Ética Mínima para homens práticos**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1995.
- MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de ética**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MOLTMANN, Jürgen, **Trindade e reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SINGER, Peter. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** São Leopoldo: Sinodal, 2007.

O AUTOR

Aginaldo Vieira é doutorando em Teologia pela PUC-RIO (julho-2017) e Mestre em Teologia pela PUC-RIO (2017); é graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Licenciado em Pedagogia (Licenciatura Plena) pela Universidade Estácio de Sá (2009), Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro (2005). Tem formação no Ensino Médio em Magistério (2001). Desde 1999 desenvolve voluntariamente atividades em educação e tolerância religiosa através de instituições religiosas e educacionais. Tem experiência com as áreas de Teologia, Pedagogia, Filosofia, Sociologia da Religião e Psicologia da Religião.

²³ MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 65.